

SALÃO DE  
INICIAÇÃO CIENTÍFICA  
**XXIX SIC**  
  
**UFRGS**  
PROPESQ



múltipla   
**UNIVERSIDADE**  
inovadora  inspiradora

<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2017: SIC - XXIX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2017
<b>Local</b>	Campus do Vale
<b>Título</b>	"Maktub": a ocultação do feminino em "Lavoura Arcaica"
<b>Autor</b>	MARIA PETRUCCI SPERB
<b>Orientador</b>	ANTONIO BARROS DE BRITO JUNIOR

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Maria Petrucci

Orientador: Antonio Barros

*Maktub: a ocultação do feminino em Lavoura Arcaica*

Após dois anos, a pesquisa sobre *Lavoura Arcaica* encontra-se em sua fase final; foi encerrada com a produção de um artigo e, a partir de então, esperamos poder transformá-la em um projeto com sequência. A discussão sobre o gerenciamento narrativo da ocultação do feminino, cuja principal base teórica foi o trabalho da filósofa Judith Butler, apontou para a imprescindibilidade dessa operação para a manutenção da Lei patriarcal que rege a estrutura familiar do romance. Através de uma releitura crítica da psicanálise, em que nos valem de conceitos como o Complexo de Édipo e o tabu do incesto, entre outros, pudemos contestar a proposição hermenêutica de André como o transgressor, para, ao contrário, situá-lo em consonância com a economia falocêntrica. A bibliografia de crítica feminista, que engloba, além de Butler, nomes como Teresa de Lauretis e Luce Irigaray, concedeu-nos o discurso e o vocabulário necessário para dimensionar a inevitabilidade – fabricada e imposta pela Lei – do silenciamento feminino e, por conseguinte, do estrago causado por essa subjetividade quando enunciada.

A maior dificuldade da pesquisa sempre foi a de conferir à dança dionisíaca de Ana, passagem fundamental em função de seu poder disruptivo, uma análise que lhe fosse digna; afinal, havia uma certa aporia na intenção de atribuir potencial político a uma performance limitada esteticamente, isto é, pelo discurso do narrador. No entanto, a noção de *efeito* – que, para Eve Sedgwick (2009), mescla-se à de afeto – permitiu-nos dirigir a atenção não para o que está detrás ou além do texto, e sim para o que dele escapa, ou melhor, para o que ele provoca. É esse recuo ao efeito que possibilita leituras não-colonialistas, ou seja, abertas à negociação, à proliferação de interpretações. Argumentamos, portanto, que a performance parresista de Ana, mais do que fazer uma denúncia cujo sentido é preciso decodificar, tem *consequências políticas*, e são estas que motivam a sua supressão pelo discurso do narrador-protagonista. É esse movimento imediato de preservação da Lei que nos parece pertinente de analisar: há, ali, algo que se aproxima de romper as barreiras do Simbólico e é, em função disso, condenado – a exemplo de Antígona.